

## O BOM TURISTA FICA NO CAIS

**T**ÂNGER, setembro  
São dois artistas, e não vou discutir seus méritos porque não sou crítico de arte; compará-los seria difícil, porque um é da música, outro, da pintura. O pintor é “abstrato expressionista”, embora confesse que em certos momentos se sente “concreto”; é filho de outro país árabe, mas para os turistas se diz marroquino; ora aparece vestido ao jeito da terra, ora usa apenas uma calça azul e uma camisa vermelha de quadrados grandes; nos dias de inspiração maior combina um uniforme de dançador de *twist* com um fêz vermelho; é moreno e tem cara de espanhol, mas faz questão de ser berbere, e como é um berbere que fala um inglês razoável faz um sucesso imenso com as turistas americanas ou inglesas. O músico é um negro americano que às vezes se diz da Jamaica, usa barbas longas, veste-se de maneira berrante e impressiona sobretudo as mocinhas suecas ou alemãs.

Quando chega a Tânger um navio de turismo, o que acontece muito no verão, eles estão sempre no cais ou no bar de algum balneário de nome inglês perto do cais; e é inevitável que cada um arranje uma loura. Fazem turismo assim: com as turistas. Cada um leva sua loura a ver os pontos pitorescos da cidade e depois a convida para ver um quadro ou ouvir um disco.

Não, não pedem nem tomam dinheiro; são dois rapazes honrados, são dois artistas; permitem apenas que a turista pague as bebidas porque, como artistas, não têm dinheiro. Dizem que um deles já conseguiu fazer com que uma cândida mocinha norueguesa fumasse *kif*, que é a nossa velha maconha; é o máximo em matéria de côr local; mas isso deve ser intriga dos invejosos, que os há muitos.

Dizem que um deles já tem fama internacional; às vezes desembarca uma estudante de Omaha, Nebraska, já com seu nome e enderêço em um papelzinho.

Ora, acontece que não é todo navio que traz loura bonita; há barcos de Algeciras ou Gibraltar que vêm cheios de gente, mas com muitas mulheres velhas e feias, como são, no mundo inteiro, as turistas em sua maioria. Daí que às vezes o pintor e o músico se desentendem, na guerra surda para pegar a turista mais bonita.

Contaram-me que outro dia o negro americano de barbas deu um golpe estranho: sentindo que o outro estava levando vantagem devido à côr local, apareceu no cais com uma magnífica *djelaba* marroquina, com turbante e tudo. O pintor chegou, viu aquilo e se retirou, como se se considerasse vencido. O navio esperava a sua vez de encostar ao cais. O músico — confessou êle depois a um amigo meu — ficou meio desconfiado com a retirada do outro: “O Ahmed não é homem de desistir assim...”

E tinha razão: quando o navio atracou, a única loura interessante de bordo já vinha acompanhada do Ahmed, que alugara um barquinho e fôra remando até o navio, onde subiu graças à sua camaradagem com um sujeito da polícia marítima.

“Eu bem que vira um camarada remando em um barquinho” — contou o Joe, despeitado, com um sorriso amarelo.

o o o

O mal do *twist* é que tôda gente está dançando, mas pouca gente tem graça dançando *twist*. E mesmo em algumas mocinhas que o dançam com certa graça o que me apavora é a expressão do olhar. Fazem uma cara séria, como se estivessem cumprindo um dever ou entregues a alguma contingência física natural; e o olhar, vazio, parado, sem a mais leve luz de alegria, ternura ou inteligência, é boçalmente, aflitivamente animal; o olhar que têm certos homens quando mascam chicles. Mesmo porque o *twist* é um pouco assim como alguém mascando chicles com o corpo — com a metade do corpo.